

ARTIGO <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v15i35.5683>**NARRATIVAS DE MULHERES PRESIDÁRIAS SOBRE O TEMPO VIVIDO NO
AMBIENTE CARCERÁRIO: ENTRE CHRONOS E KAIRÓS****NARRATIVES OF WOMEN PRISONERS ON THE TIME LIVED IN THE CARCERARY
ENVIRONMENT: BETWEEN CHRONOS AND KAIRÓS****NARRATIVAS DE MUJERES PRESIDARIAS SOBRE EL TIEMPO VIVIDO EN EL
AMBIENTE CARCERARIO: ENTRE CHRONOS Y KAIRÓS***Maria Sandra Montenegro*

Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

Márcia Regina Barbosa

Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

Joaquim Luís Medeiros Alcoforado

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra – Portugal

Resumo: A experiência do tempo tem sido objeto de reflexões desde os filósofos e matemáticos gregos da antiguidade até os filósofos, antropólogos, físicos e astrônomos ao longo do desenvolvimento das ciências. As questões são diversas: o tempo existe fora da vida? É linear? O tempo possui forma? Como atribuímos sentidos ao tempo? Esta última é a pergunta central deste artigo, resultado de uma pesquisa com vinte mulheres encarceradas em um presídio feminino na cidade do Recife. O objetivo geral foi compreender o sentido e o uso do tempo na dimensão chronos e na dimensão kairós. O referencial teórico se apoia nas ideias de Agamben (2014), Lévinas (2000), Goffman (2010) e Foucault (2012). As questões orientadoras da pesquisa foram: as narrativas das mulheres presidiárias permitem identificar possibilidades de vida unindo chronos e kairós? Como preencher o tempo natural, cotidiano (chronos), com qualidade de vida (kairós), de modo que o viver na prisão não se torne apenas um contar de dias. Como percebem as relações e entrelaçamentos entre tempo passado e tempo presente? A metodologia da pesquisa se apoiou na abordagem qualitativa, priorizou entrevistas coletivas em duplas durante um ano. A interpretação dos resultados se amparou na análise de conteúdo, sem intenção de generalizar resultados. As narrativas das mulheres expressaram a relevância da educação escolar que recebem no presídio para ressignificar o tempo chronos e kairós, assim como os planos para o futuro após cumprir suas sentenças.

Palavras chave: Tempo. Mulheres presidiárias. Vida na prisão.

Abstract: The experience of time has been the subject of reflections from Greek philosophers and mathematicians of antiquity to philosophers, anthropologists, physicists and astronomers throughout

the development of the sciences. The questions are diverse: does time exist outside of life? Is it linear? Does time have form? How do we attribute meanings to time? This last one is the central question of this article, the result of a research with twenty women imprisoned in a female prison in the city of Recife. The general objective was to understand the meaning and use of time in the chronos dimension and the kairos dimension. The theoretical reference is based on the ideas of many authors, like Agamben (2014), Lévinas (2000), Goffmann (2010) and Foucault (2012). The guiding questions of the research were: do the narratives of women prisoners allow to identify possibilities of life uniting chronos and kairos? How to fill the natural, everyday (chronos), with quality of life (kairós), so that living in prison does not become just a count of days. How do you perceive the relationships and interlacings between past and present tense? The methodology of the research was based on the qualitative approach, prioritized collective and individual interviews during a year. The interpretation of the results was supported by the interpretive phenomenology, with no intention of generalizing results. Women's narratives have expressed the relevance of the school education they receive in prison to re-signify chronos and kairos, as well as the plans for the future they conceive after serving their sentences.

Keywords: Time; Woman Prisoners; Life of prison.

Resumen: La experiencia del tiempo ha sido objeto de reflexiones desde los filósofos y matemáticos griegos de la antigüedad hasta los filósofos, antropólogos, físicos y astrónomos a lo largo del desarrollo de las ciencias. Las cuestiones son diversas: el tiempo existe fuera de la vida? ¿Es linear? ¿El tiempo tiene forma? ¿Cómo asignamos sentidos al tiempo? Esta última es la pregunta central de este artículo, resultado de una encuesta con veinte mujeres encarceladas en un presidio femenino en la ciudad de Recife. El objetivo general fue comprender el sentido y el uso del tiempo en la dimensión chronos y en la dimensión kairós. El referencial teórico se apoya en las ideas de Agamben (2014), Lévinas (2000), Goffman (2010) y Foucault (2012). Las cuestiones orientadoras de la investigación fueron: ¿las narrativas de las mujeres presidiarias permiten identificar posibilidades de vida uniendo chronos y kairós? Como llenar el tiempo natural, cotidiano (chronos), con calidad de vida (kairós), de modo que el vivir en la prisión no se convierta sólo en un cuento de días. ¿Cómo perciben las relaciones y entrelazamientos entre tiempo pasado y tiempo presente? La metodología de la investigación se apoyó en el abordaje cualitativo, priorizó entrevistas colectivas e individuales durante un año. La interpretación de los resultados se amparó en la fenomenología interpretativa, sin intención de generalizar resultados. Las narrativas de las mujeres expresaron la relevancia de la educación escolar que reciben en la cárcel para resignificar el tiempo chronos y kairós, así como los planes para el futuro que conciben después de cumplir sus penas.

Palabras clave: Tiempo; Mujeres presidiarias; Vivir en la prisión.

Resumé: L'expérience du temps a fait l'objet de réflexions de la part des philosophes et mathématiciens grecs de l'Antiquité aux philosophes, anthropologues, physiciens et astronomes tout au long du développement des sciences. Les questions sont diverses: le temps existe-t-il en dehors de la vie? Est-ce linéaire? Le temps est-il en forme? Comment attribue-t-on des significations au temps? Cette dernière est la question centrale de cet article, résultat d'une recherche avec vingt femmes emprisonnées dans une prison pour femmes de la ville de Recife. L'objectif général était de comprendre le sens et l'utilisation du temps dans les dimensions chronos et kairos. La référence théorique est basée sur les idées de Agamben (2014), Lévinas (2000), Goffman (2010) et Foucault (2012). Les questions principales de la recherche étaient les suivantes: les récits des femmes détenues permettent-ils d'identifier les possibilités d'unification du chronos et du kairos dans la vie? Comment remplir le quotidien, chronos, avec la qualité de vie (kairós), pour que vivre en prison ne devienne pas simplement un décompte de jours. Comment percevez-vous les relations et les interconnexions entre passé et présent? La méthodologie de la recherche était basée sur l'approche qualitative, sur des entretiens individuels et collectifs hiérarchisés au cours d'une année. L'interprétation des résultats a été

étayée par la phénoménologie interprétative, sans intention de généraliser les résultats. Les récits de femmes ont exprimé la pertinence de l'éducation scolaire qu'ils reçoivent en prison pour redéfinir les chronos et les kairos, ainsi que des projets pour l'avenir qu'ils conçoivent après avoir purgé leur peine.

Mots-clés: Temps; Les femmes em prisons; La vie em prison

Introdução

Esqueci a palavra que eu queria dizer, e meu pensamento desmaterializado voltou ao reinado das sombras (Clarice Lispector)

A epígrafe acima reafirma a necessidade que todos os humanos possuem em relação ao seu direito de fala, de expressar o pensamento e sentimentos, porém, para quem está quase sempre em contato com grupos em condições de exclusão sabe que é comum a palavra do outro ser relegada ao mundo das sombras, permanecendo em um limbo quase inaudível. Pesquisar a situação social, as condições de vida humana em variados segmentos sociais nos aproximam de várias paisagens mentais e materiais repletas de sentidos. Alguns destes sentidos são possíveis de perceber a olho nu, por exemplo, como a carência alimentar afeta a saúde e o físico das pessoas; entendemos como o abandono emocional impacta de diversas maneiras o modo como nos relacionamos com tudo que nos rodeia, dentre outras situações problemáticas que o cotidiano da vida expõe. Entretanto, a realidade é inesgotável e multifacetada por natureza, por esta razão, nem sempre os acontecimentos, nem as coisas são óbvias, e por isto o sentido de se praticar a pesquisa científica, no intuito de compreendermos as singularidades de uma determinada problemática.

No caso desta pesquisa, nos deparamos com uma questão presente na vida de todos os seres: o tempo. Ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa que coordenamos, intitulada: "Educação, alteridade e perspectivas para a formação integral: um estudo com mulheres em privação de liberdade", a expressão 'tempo' era bastante repetida pelas mulheres entrevistadas, predominando expressões do tipo: 'se eu pudesse mudar o tempo', 'o tempo demora a passar aqui', 'saudades do tempo perdido'. Neste contexto, surgiu o interesse em conhecer e compreender o significado do tempo para aquele grupo específico de mulheres, que vivem em condições de degradadas, segregadas e com uma história de vida marcada pela extrema pobreza. Portanto, o fio condutor desta pesquisa se expressa nos seguintes

questionamentos: quais os sentidos de tempo para as participantes desta pesquisa? É possível atribuir alguma qualidade (kairós) ao tempo quantidade (chronos)?

Não somente a sentença jurídica e os muros da prisão determinam o encarceramento, mas os bastidores da prisão possuem muitas engrenagens que influenciam o cotidiano dos sujeitos, tornando cada dia um desafio de sobrevivência física, mental, emocional e espiritual. Todos os dias o tempo está presente na trama das coisas e dos fenômenos. Portanto, a questão espaço e tempo foi acrescentada ao universo da pesquisa. Não bastava analisar o impacto da educação formal na vida das mulheres no espaço prisional, surgiu, então, a categoria TEMPO.

Clarice Lispector (1995, p. 78) escreveu: “tudo é por enquanto, nada é sempre e algo está sempre por acontecer”, expressando a impossibilidade da permanência, de congelarmos os acontecimentos que nos foram favoráveis. As certezas e incertezas estarão sempre presentes no tempo. Do ponto de vista conceitual existem muitas fontes para explicar o que significa a expressão tempo, porém, os limites de um artigo não permitem expor todas as perspectivas, de maneira que apresentaremos um recorte particular, expondo em relevância as concepções míticas gregas de chronos e kairós, uma vez que a primeira se refere ao tempo linear, cíclico, e o segundo as diversas formas e intensidades nas ações humanas. A consciência do tempo acompanha a todos nós e seu significado se altera conforme nossas experiências e ao lugar que ocupamos no extrato social.

Não existe vida humana sem temporalidade, somos afetados por processos que se desenvolvem na passagem do tempo. Partindo da mitologia clássica grega há uma grande variedade de deuses, inicialmente eram doze deuses, e os principais eram Apolo, Dionísio, Hera, Minerva, Diana e Chronos, sendo este último o deus do tempo, representando a finitude, os horários, tempo especializado, cronometrado e quantitativo. Ao mesmo tempo, surge a expressão Kairós, que seria o tempo qualitativo, existencial, subjetivo, que traz esperanças, expectativas e afetos. Portanto, o deus Chronos foi associado a Kairós, de modo que a vida não pode ser apenas o tempo de relógio, o que se conta para algo findar, vai além, pois existe algo que acrescentamos para este tempo cronológico que possui um valor subjetivo para cada um de nós.

Ainda percorrendo a mitologia grega clássica, temos Ananke, a companheira de Chronos. Ananke representa a inevitabilidade, portanto, existimos na finitude de todas as coisas. Bunge (2002, p.377) esclarece:

Distinguem-se dois conceitos de tempo: o físico e o perceptual (ou psicológico), enquanto o psicológico é, por definição, tempo percebido por um sujeito. O tempo físico é objetivo, mas não existe

por si próprio, destacado de tudo mais. Tanto é assim que o tempo é medido pela observação de outro processo; há três concepções principais sobre a natureza do tempo físico: a de que ele não existe (anacronismo); a de que existe por si próprio (concepção absolutista); e a de que é o passo do vir-a-ser (teoria relacional).

De acordo com algumas interpretações (BUNGE, 2002; DUROZOI, 2004) existe o tempo biológico, o tempo sagrado (contempla os aspectos religiosos das diversas culturas), o tempo profano (representado pelas festas e celebrações não religiosas), o tempo individual, o tempo cultural, o tempo grupal (específico dos grupos que estamos vinculados: trabalho, família, amigos) e todos estes tempos estão presentes simultaneamente em nossa existência.

Elaboramos um levantamento de artigos que abordam a problemática do tempo em diversas perspectivas, desta maneira, sintetizamos alguns textos que demonstram a importância do tema para vários campos do conhecimento. Destacamos: “O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugene Minkowski”, da autoria de Virgínia Costa e Marcelo Medeiros (2009). Os autores trazem contribuições significativas para desenvolvermos uma compreensão das expectativas de vida dos sujeitos. As pesquisas que abordam este tema necessitam entender como o passado se faz presente através das memórias, das recordações, das tristezas, da espera, do desejo e que permanecem no presente de cada um. Nesta direção, cada pesquisador deveria desempenhar um papel de alguém que pode auxiliar o outro a retomar o seu protagonismo na vida.

No artigo de Correia e Carvalho (2012), “Práxis educativa: tempo, pensamento e sociedade” levantam a questão: como a vida presente pode ser realizada? Uma indagação feita aos docentes, enfatizando a necessidade de mais humanismo na educação e menos pragmatismo, menos educação ‘bancária’. Que possamos reagir de modo inconformado aos modelos societários predominantes, que empobrecem nossas qualidades humanas e visam apenas dar conta de um aprendizado para o trabalho alienado.

Libermann (2014) traz contribuições ao tema, ressaltando a relevância da resignificação da memória ao se libertar do destino da repetição em seu tempo vivido, em resumo, passado e futuro estruturam o presente e podem ser transformadoras do aparelho psíquico. Realça a não linearidade do tempo e a circularidade do mesmo e que permite que vários tempos convivam simultaneamente. Outros trabalhos importantes também poderiam aqui estar citados, todavia, não consideramos pertinente devido ao espaço limitado que se exige de um artigo.

Neste trabalho, amparado conceitualmente pelos trabalhos de alguns teóricos sobre a vida humana em suas existências quase invisíveis, trabalhamos com as ideias de Foucault

(2012), Goffman (2010), Lévinas (2012) e Agamben (2014). Buscamos ouvir e dialogar com vinte mulheres apenadas, cumprindo suas sentenças em um presídio feminino da cidade do Recife, com o intuito de entender, abstrair o sentido e as suas práticas de vida considerando a noção de tempo a partir do contexto em que vivem. O espaço carcerário permite que se tenha conhecimentos sobre vários aspectos da existência dentro dos seus muros: as condições de saúde física e mental dos apenados; os seus históricos de crimes, as atitudes quando chegam ao presídio e o modo como se conformam (ou não) ao ambiente, as amizades e inimizades que constroem, as esperanças que ainda conseguem alimentar, apesar da prisão “ser o local da mortificação do eu”, conforme afirma Goffman (2010, p. 97).

Apresentaremos a seguir as etapas da pesquisa, considerando inicialmente o marco teórico, os aportes metodológicos, a análise das narrativas e as nossas considerações em torno dos resultados da pesquisa.

O tempo e a condição humana

O percurso teórico desta pesquisa acolhe alguns autores que se destacam em suas análises sobre a condição humana. São narrativas que evidenciam a necessidade de entendermos as diversas formas de existência, portanto, como foi dito anteriormente, o diálogo teórico deste trabalho foi realizado com Foucault, Goffman, Lévinas e Agamben.

Os processos civilizatórios (ou de colonização) sempre existiram como práticas para adequar o ser humano as normas e valores sociais vigentes. Antes do surgimento do Estado moderno, quem se rebelava, independente dos motivos ou causas ia para o manicômio, para o convento ou para a prisão (HERNAEZ, 2000). Obrigatoriamente deveria ficar fora de cena, isto é, ausente do convívio para com os que se adaptavam aos modelos sociais de cada época. O louco, o estrangeiro, o criminoso, o desobediente as regras deveriam ser escondidos das vistas da sociedade, pois representariam o estado de anormalidade, do erro, da falha, e que nenhuma sociedade precisaria ver. Foucault (2012) destaca que no século XV surgiu a figura da *stulfera navis* ou ‘Nave dos loucos’, Nesta nave eram colocados os que apresentavam ‘desvios’ de comportamento, distúrbios mentais, e depois de enclausurados as naves desciam os rios da Renânia em direção à Bélgica. No dizer de Hernaez (2000, p. 17): “a nave dos loucos é em última instância uma forma sofisticada de confinamento que localiza aos afetados na posição do perpétuo passageiro, na encruzilhada infinita”.

Com o desenvolvimento das cidades e do Estado moderno a regulação das vidas se intensificou, principalmente por causa da estrutura econômica que se desenvolvia,

umentando os fluxos comerciais. A lógica derivada do mercantilismo não permitia a prática de naves de loucos à deriva, sem ordem, portanto, foi instaurado modelos de reclusão permanente. Inicialmente eram os manicômios com uma grande concentração de pessoas em condições precárias de vida. Deu-se, então, o “grande encerro” (FOUCAULT, 2012, p. 187).

Controlar a mobilidade, o comportamento dos desviados gerou não somente a criação dos manicômios, mas também das prisões. Desde então, quando alguém é classificado de criminoso, o círculo se fecha, e a partir do julgamento e da sentença terá uma vida tutelada, relegada a um limbo. Na cultura do capitalismo tudo se resume em produzir para o lucro, ‘obrigando’ todos a seguir o culto à competência e ao rendimento, quem não se adapta a esta lógica corre o risco de adoecer ou desobedecer. Nesta direção, as pessoas, os grupos sociais podem entrar em colapso e gerar muitos ‘desvios’. A criminalidade, em suas várias nuances não deixa de ser fruto de um modelo de sociabilidade injusto e desigual; pessoas carentes de caminho significativo para suas vidas se deparam com o desconhecimento de si mesmos, pairando em uma existência mínima.

As prisões exercem o papel de despojar cada presidiário (a) do seu papel social. Conforme Goffman (2010) os modelos prisionais não têm condições de restaurar a humanidade dos encarcerados\as, pois predomina a realização de atividades as quais não há nenhum sentido para a vida e reforçam a prisão como reduto de formação e aperfeiçoamento da criminalidade. Para Foucault (2012) a prisão também fabrica delinquentes na medida que “seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder” (p.28). Ainda, segundo Foucault (2012), com o crescimento vertiginoso da população no mundo, a vida biológica tornou-se um problema para o poder soberano, e, paulatinamente dá lugar ao “governo dos homens” (p.219) que transforma a política em biopolítica:

Resulta daí uma espécie de animalização do homem posta em prática através das mais sofisticadas técnicas políticas. Surgem então na história seja o difundir-se das possibilidades das ciências humanas e sociais, seja a simultânea possibilidade de proteger a vida e de autorizar seu holocausto. (FOUCAULT, 2012, p. 718)

A biopolítica gera o biopoder que é um modo de regular a vida social utilizando meios corretivos e legisladores, é uma gestão calculada da vida onde os governantes consideram os custos e benefícios econômicos. A vida passa a ser regulada pelas taxas de natalidade, taxas de mortalidade, conhecimento das condições de mão de obra para o trabalho, o policiamento ostensivo, o controle de doenças e manutenção da saúde da população. Entretanto, apesar do caráter supostamente de proteção à sociedade, o que está por trás é a maximização da

produção. Os soberanos governantes vão exigir através de uma complexa rede de legislação para os diversos setores que profissionais especializados (médicos, professores, farmacêuticos, enfermeiros, por exemplo) desempenhem a função de observar, melhorar e corrigir o outro para que este possa produzir mais e melhor. O lucro está em evidência principal, não a vida no sentido de politicamente qualificada (AGAMBEN, 2014).

Uma vida qualificada para Agamben (2014) é quando se entende que a vida é insacrificável, uma vida de direito e fato, onde o homem é simultaneamente objeto e sujeito do ordenamento político e de seus conflitos. Não colocando em jogo a liberdade e a felicidade a partir de sua submissão a algo que o próprio desconhece (p. 16), em suma, “ a nossa política não conhece hoje outro valor que a vida, e até que as contradições não forem solucionadas, nazismo e fascismo permanecerão desgraçadamente atuais” (idem, p.17).

No entanto, o biopoder não é exercido sem resistências, há o desejo de se manter a ordem conforme desejam os governos com estruturas estáticas e hierárquicas. A dominação é mais evidente para com os grupos considerados minorias: negros, homossexuais, mulheres, os pobres, os desempregados, os idosos de baixa renda, porém, uma relação de poder:

Só se exerce pelos sujeitos livres, enquanto livres, entendendo-se por sujeitos individuais ou coletivos que tem diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relações de poder onde as determinações estão saturadas [...] mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar. (FOUCAULT, 2012, p.244)

Os corpos ou populações que não estão em condições de multiplicar sua capacidade de produção de bens e riquezas, terão sua força política diminuída e sofrerão um processo contínuo de exclusão social. A importância do outro se dá na relação proporcional de sua contribuição a manutenção do modelo político e econômico em vigência. Nesta direção as reflexões de Lévinas complementam as nossas indagações sobre a importância do Outro neste mecanismo de controle que incide sobre milhões de vidas. Em sua obra *Da existência ao existente*, Lévinas afirma que a indiferença é um sentimento insuportável porque conduz a vida do Outro a uma monotonia desprovida de sentido (2000), a desobrigação com a vida do Outro dificulta a construção da ética da alteridade. A responsabilidade da qual Lévinas defende significa que nascemos em um mundo de relacionamentos sociais que não escolhemos e que não podemos ignorar. Todos nós esperamos algo do outro no caminho da existência que cada um pensa que constrói sozinho.

A liberdade que todos desejam só é realizada quando compreendemos que estamos ligados uns aos outros enquanto seres humanos, se eu não vejo humanidade no outro, eu me desqualifico em minha condição humana. Não vivemos sem a linguagem, sem o uso da palavra, mas é preciso a face do outro para que o diálogo seja possível, há nisso uma clara posição em relação a intersubjetividade. Somos responsáveis pelas ações boas ou más que o Outro comete, mesmo não possuindo consciência deste poder que é intrínseco ao universo humano. Para Lévinas (2000) somos seres palpáveis, com um corpo inseparável de outras estruturas: sangue, pele, carne, pensamentos, criatividade, sentimentos. Estamos expostos e somos afetados por tudo que nos atravessa.

Outro aspecto importante na obra de Lévinas (2000) é a questão da violência, ele a rejeita em todas as suas formas, explícitas ou implícitas. Quando admitimos a violência para com alguém desaparece toda a ética da alteridade. Mesmo que defendamos uma suposta neutralidade diante da violência da fome, da dor, do desamparo, da solidão elegemos a falsa ideia de que estamos separados desta realidade. E nos tornamos tirânicos em nossa interioridade silenciosa, na renúncia ao diálogo e nas apropriações violentas da alteridade (LÉVINAS, 2000).

Percurso metodológico

Esta é uma pesquisa apoiada na perspectiva qualitativa, fenomenológica, priorizando a escuta e as narrativas de vinte mulheres que estão em privação de liberdade. A mesma teve a duração de um ano e observou diversos aspectos da educação formal vivenciada naquele contexto. O ano da pesquisa foi 2017, a faixa etária das participantes oscilou entre 28 e 52 anos de idade. Das vinte participantes, oito mulheres estavam presas por tráfico de drogas, com uma pena mínima de cinco anos de reclusão. Seis participantes possuem um histórico de participarem de quadrilhas (assaltos, roubos, furtos), com uma pena entre 6 e 10 anos de reclusão. As demais participantes (06) foram julgadas e condenadas por assassinatos, estes foram cometidos em circunstâncias diversas, alguns desses assassinatos foram por graves problemas domésticos, como por exemplo alcoolismo e drogadição, apenas um desses assassinatos aconteceu durante um assalto. A pena de reclusão para quem cometeu o crime de assassinato estava entre doze e quinze anos.

No período do desenvolvimento da pesquisa, as mulheres já haviam cumprido a metade do tempo destinado na prisão. Um dos critérios para a escolha da participação na

pesquisa foi aceitar participar da mesma; o segundo critério foi o de estar regularmente matriculadas na escola situada dentro da prisão. Nenhuma das prisioneiras havia conseguido liberdade condicional. O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender se e como as mulheres encarceradas conseguiam desenvolver maneiras de ser e de viver qualitativamente (kairós), considerando o tempo cronológico, quantificado em dias, horas, minutos, segundos.

Os encontros eram quinzenais e só podíamos realizar o trabalho de pesquisa com três prisioneiras de cada vez. Cada encontro para as entrevistas durava uma média de duas horas. Também foi disponibilizado os relatórios sobre os comportamentos das prisioneiras ao longo da entrada e permanência na prisão, assim como tivemos acesso a algumas dependências da prisão, mas bem reduzidas, devido as normas internas do sistema prisional.

Foram duas entrevistas com cada participante, gerando um total de quarenta entrevistas, cada uma com duração de uma hora, assim como fizemos entrevistas em pequenos grupos de três pessoas, observamos o trabalho em sala de aula e aplicamos a técnica do desenho livre para propiciar um ambiente de melhor adaptação aos procedimentos da pesquisa. Cada fala das participantes receberá uma sigla, por exemplo, S1 – Sujeito um, e assim sucessivamente.

A técnica de análise dos dados foi o de análise de conteúdo, elaborado por Bardin (2014), e embora tivéssemos a categoria TEMPO previamente definida, foram as narrativas que permitiram-nos entender o impacto que o tempo tem para as participantes no contexto prisional. Ao mesmo tempo, serviu para conseguirmos respostas para as nossas indagações.

O tratamento dos dados deu ênfase as narrativas no sentido atribuído por Larrosa (2002, p.21):

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente raciocinar, ou calcular ou argumentar, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Foi, portanto, um processo de pesquisa tecido pelas mulheres que participaram da mesma e pelos autores deste texto que conseguiram compreender as atribuições de sentidos nesta experiência que nos tocou de modo singular. Conseguimos escapar do campo da mera escuta e mobilizamos nossos sentimentos, nossos aprendizados, nossas percepções. Corpos, vozes, experiências se misturaram e assim ampliamos nossos modos de habitar este mundo.

Os achados da pesquisa

Apresentaremos neste item o que encontramos nas narrativas das participantes. Retomando a questão central, que é a compreensão e vivência do tempo no contexto prisional, iniciamos nosso contato nos apresentando, falando um pouco do trabalho que desenvolvíamos nas duas universidades (UFPE e FPCE- Coimbra). Em seguida, solicitamos que cada uma falasse um pouco de sua vida antes da vida na prisão. Em seus relatos ficou declarado que todas são mães, cada uma tem pelo menos dois filhos. As mulheres a partir dos quarenta anos já estão com filhos adultos. Uma dessas mulheres tem um filho que está preso por tráfico de drogas, porém, ela atribui ao fato de não ter uma sociedade que facilite aos jovens conseguir um emprego, esta dificuldade “faz com que a pessoa se agarre a qualquer coisa para sobreviver” (S4).

As mulheres são oriundas de camadas sociais de baixo poder econômico, baixa escolaridade, sendo que uma das entrevistadas estava completamente analfabeta no momento da prisão. Hoje, a partir da implantação da escola no presídio, ela consegue ler e escrever, embora afirme que não compreende muitas coisas que a professora ensina. Em um momento posterior, solicitamos que as participantes desenhassem em uma folha em branco tudo o que ela relacionava a palavra TEMPO.

Tivemos o seguinte resultado:

Quadro 1 – Representação pictórica do tempo

DESENHOS	QUANTITATIVO DE SUJEITOS
1 – Figura de um relógio	08
2 – Clima com chuva	04
3 – Clima com sol	02
4 – Árvores com folhas caindo	01
5 – Cabelos brancos, cabelos caindo.	05
Total	20

Os desenhos expressam uma percepção do tempo cronos, com a ideia de linearidade, de contagem dos dias, das horas. Esta é uma visão que está ligada ao cotidiano da vida, onde cada dia se parece igual ao outro. Perguntamos se desejavam falar sobre o que desenharam a S3 considerou que o tempo na prisão faz a pessoa envelhecer mais depressa, mesmo que a idade não seja de uma pessoa considerada idosa, mas o sentimento é de um envelhecimento

precoce. Ao indagarmos a razão desta sensação de envelhecimento, declarou que o abandono da família, que quase não a visita, a falta de apoio de pessoas que eram consideradas amigas traz muita amargura para a vida.

Compreendendo este sentimento de envelhecimento, enfatizamos os estudos de Goffman (2010) que afirma o papel do sistema prisional como mortificação do eu. Seja pelas normas internas que pouco sobra para a pessoa lembrar de sua identidade, assim como pelas formas como a sociedade enxerga a pessoa que comete o crime. O que se dá destaque é ao crime em si, portanto, qualquer possibilidade de reconstrução da humanização da pessoa fica totalmente enfraquecida. É como a pessoa tivesse se tornado indesejável para as pessoas que com ela conviviam, de modo que desaparecem paulatinamente os vínculos familiares.

Na mesma condição estão a S5 e S19, ambas reafirmam o isolamento do quadro familiar, do esquecimento dos filhos, porém dizem compreender, e que talvez se algum deles estivesse na situação em que se encontram, poderiam se comportar da mesma maneira “porque a prisão é um lugar de esquecimento, a gente vai esquecendo até como era a vida que tinha. Quanto mais o tempo passa, mais se esquecemo de tudo [sic] (S19).

Durante o processo de entrevistas conversamos sobre o que faziam para melhorar o tempo que passavam na prisão. Neste quesito, o quadro 2 tem a seguinte configuração:

Quadro 2 – A melhoria do tempo na prisão

ATRIBUIÇÕES DE SENTIDOS AO TEMPO	QUNTITATIVOS DE RESPOSTAS
1 – Estudar como algo positivo, pois melhora os relacionamentos, torna capaz de fazer leituras de informações, permite entender melhor as informações dos advogados que as visitam.	09
2 – Aprender corte e costura, a fazer unhas, a ser cabelereira, aprender a pintar em tecido.	06
3 – Praticar uma religião, voltar a ter fé e acreditar em Deus	12
4 – Cantar no coral, escrever poesias	03
5 – Ser escutada pelas psicólogas	08
6 – Fazer amizades dentro da prisão	08
7 – Conversar com os filhos, receber suas visitas	16
8 – Fazer alguma coisa boa por alguém	05
Total	67

A quantidade de resposta é 67 porque as participantes da pesquisa responderam a mais de uma das categorias acima, que foram retiradas das entrevistas. Todas as entrevistas transcorreram com o cuidado de não sugerir respostas. Embora as entrevistas fossem

aplicadas a duas ou três mulheres de cada vez, isto pode ter influenciado a convergência de respostas, entretanto não pudemos evitar este fato porque não havia possibilidades da escuta individual.

O destaque nas respostas está no item 7, apesar das visitas dos filhos não ser constantes, mas as mulheres consideram que é uma forma de ter contato com “o nosso verdadeiro amor”. Assim consideram os filhos, também realçam que eles trazem notícias de outras pessoas, trazem presentes, mas ainda são visitas muito espaçadas, as vezes duas ou três vezes por ano. A idade mínima dos filhos é de doze anos.

O papel da escola também teve destaque em algumas falas, principalmente porque pela legislação atual, quanto melhor for o desempenho escolar, mais existe condições de liberdade condicional ou diminuição da pena. Uma das mulheres afirma que a educação a “ajudou a pensar diferente, a clarear as coisas e parecia que eu vivia no meio de muita fumaça” (S16). Uma outra detenta, considerada excelente aluna, narrou que “a escola deu esperanças de um dia se formar, ir para uma faculdade, me transformar para melhor”. São narrativas que extrapolam o senso comum, engendra-se aí uma possibilidade de mudança interior, que, se não houver quebra no aprendizado, estas mulheres poderão melhorar a condição em que se encontram.

O fator religião também é considerado como relevante para dar qualidade no tempo vivido dentro da prisão. A maioria das detentas é visitada por pastoras evangélicas, além de tentarem convertê-las, sempre trazem materiais escassos na prisão: doces, produtos de higiene, roupas usadas e revistas produzidas pelas igrejas. Há um pequeno grupo de pessoas ligadas ao kardecismo que também fazem visitas, também buscam levar algum conforto espiritual e material para as mulheres. Esta visita é mensal, diversas mulheres na prisão se definem como evangélicas ou como espiritualistas. Do grupo que participou da nossa pesquisa, dez se dizem evangélicas, duas dizem praticar o kardecismo e oito se dizem católicas não praticantes.

Para Lévinas (2000), a espiritualidade traduz a forma como a pessoa busca sua transcendência, encontrando forças para sobreviver as dificuldades que enfrenta e alcançar um modo mais suave de conviver com os semelhantes. É uma maneira de sair do isolamento social e mudar alguns hábitos que as mulheres consideram que eram nocivos a saúde, por exemplo, fumar. Todas que estão seguindo uma religião com regularidade deixaram de fumar.

O tempo também é visto em sua materialidade, principalmente por aquelas que querem aprender uma profissão, “pois quando sair da prisão, vou poder montar meu salão de

beleza” (S2, S6). Há o desejo de reorganizar a vida profissional para não depender de ajudas ou voltar para a criminalidade, para muitas dessas mulheres, a prisão não será o lugar de volta, mas de uma experiência bastante amarga.

Todas as narrativas sobre como enfrentam o tempo cronológico colocando mais qualidade na vida são tentativas de melhorar a atmosfera de violência e competitividade que existe dentro da prisão. Conforme explica Foucault (2012, p. 235):

O sentimento de injustiça que um prisioneiro experimenta é uma das causas que mais podem tornar indomável o seu caráter. Quando se vê assim exposto a sofrimentos que a lei não ordenou nem mesmo previu, ele entra num estado que representa o deslocamento de uma prisão corretiva ou restauradora, para um ambiente de especialização da criminalidade.

De certo modo, o tempo qualitativo (Kairós) necessita estar presente no cotidiano do cárcere, para centenas de prisioneiras o deus Chronos é o que resta, embora ele não seja linear e muitos acontecimentos surjam independente de qualquer coisa. Porém, ainda persiste a ideia de contagem dos dias, das horas e dos minutos que faltam para finalizar a pena que foi determinada em julgamento.

A modo de conclusão

Ao concluir esta pesquisa, foi possível entender que o tempo para as mulheres prisioneiras tem um significado mais quantitativo, como uma passagem linear, que se envelhece a cada dia que passa, no entanto, foi possível identificar que há uma busca por melhorar a qualidade de vida no contexto prisional, o que dá lugar para o tempo kairós, aquilo que trás benefícios para a vida individual e coletiva.

Apesar do grande volume de informações, realizamos um corte necessário para comportar os limites do artigo. O referencial trouxe contribuições para a compreensão dos limites impostos a vida humana a partir da concepção de biopoder, elaborada por Foucault (2012) e que realça o controle do Estado sobre os grupos sociais, sempre com a finalidade de atender políticas econômicas liberais ou neoliberais. Goffman (2010) contribui com reflexões sobre o poder limitado das prisões produzir melhoras na qualidade de vida dos presos, e Lévinas (2000) ressalta que nada será melhorado se não compreendermos que vivemos em um mundo de relacionamentos. Que afetamos e somos afetados pelo que acontece ao outro, por isto a necessidade de entendermos a nossa responsabilidade para com os nossos semelhantes e com as coisas do mundo em sua inteireza.

Foi possível extrair das narrativas a tentativas de realizar um comportamento contrário ao que Goffman (2010) preconiza (a mortificação do eu), a mulheres entrevistadas buscam mais vida de qualidade a partir de um conjunto de iniciativas: a escola, a religião, a participação no coral, o aprender uma profissão. Embora o controle sobre a vida das mulheres presidiárias exista de modo forte dentro da prisão, é possível identificar o movimento de resistência ao que está posto como definitivo.

A educação pode se transformar em pontos de resistências ao poder do soberano que busca controlar a vida de todos ou relegar ao limbo aqueles considerados inúteis para o sistema capitalista. O modo como o grupo de mulheres entrevistadas narrou suas tentativas de viver de maneira menos traumática foi pelo caminho do modelamento das relações de poder. Seja praticando uma profissão, ou aprendendo na Escola de Jovens e Adultos, que é regular dentro da prisão, ou ainda se envolvendo com a arte de cantar, de pintar.

As redes sociais existem dentro da prisão, grupos de afinidades se formam para suportar a sobrevivência, mas são temporais, isto é, não criam laços permanentes, pois o encerramento da pena redefine a composição das relações humanas dentro do presídio.

O objetivo da pesquisa foi contemplado, foi possível compreender que Chronos e Kairós estão presentes de modo interligado, porém com pesos diferentes, dependendo do nível de compreensão que cada mulher entrevistada elaborou sobre sua própria existência e do grupo em que vive. Ressaltamos que outras questões foram relatadas, o medo do que irão encontrar quando saírem da prisão, se haverá trabalho para não voltarem ao crime, a insegurança em torno do ambiente familiar que quase não existe mais.

É preciso retomar a reflexão em torno de qual sociedade, de qual tipo de educação queremos para a vida ser melhor para todos, realçando a necessidade de considerar com rigor a ética da alteridade, o rosto do outro e o compromisso para com todos. A biopolítica se faz no reconhecimento deste processo de não negar e não rejeitar o outro. A saída para uma vida com mais qualidade de tempo (kairós) se constrói na resistência aos modos de controle da vida que perpetuam a submissão, a servidão voluntária (LA BOÉTIE, 2004)

Vivemos dentro do tempo, sabemos e somos seres temporais no decorrer de nossa existência, como também o elaboramos em espírito, nos nossos modos subjetivos. As narrativas apresentam suas representações de tempo e a importância do mesmo para quem está em uma vida enclausurada. Marcado pelas nossas experiências pessoais e sociais, o tempo não nos deixa esquecer que estamos inscritos pelo passado, presente e futuro simultaneamente. A duração das coisas depende dos nossos estados psicológicos, da

importância que damos a determinados fatos e momentos da nossa vida. As participantes da pesquisa sabem que o tempo do encarceramento terá uma finalização, porém se esforçam para não ficar apenas na contagem do tempo de saída para a liberdade. Kairós precisa se fazer presente, é uma maneira, uma saída para não perder o mínimo de saúde mental.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2014

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Autores Associados, 2014.

BUNGE, Mário. **Dicionário de filosofia**. Tradução Gita K.Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CORREIA, Wilson e CARVALHO, Iolanda. Práxis educativa: tempo, pensamento e sociedade. **Revista Portuguesa de Educação**, nº 25, p. 63-87. Minho, 2012

COSTA, Virgínia e MEDEIROS, Marcelo. O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugéne Minkowski. *Psicologia em Estudo*. V. 14, nº 2, p. 375-383. Maringá, 2009.

DUROZOI, Gerárd. **Philosophie**. Paris: Galimard, 2004

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010

HERNAEZ, Angel. La mercantilización de los estados de ánimo. **Política y Sociedad**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2000.

LARROSA, Jorge. Notas sobre o saber da experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Autores Associados, nº 19, p.20-28, jan./fev.2004.

LA BOÉTIE, Etienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Alameda, 2004.

LIBERMANN, Zelig. Tempo, memória e ressignificação. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. V. 15, nº 3. Porto Alegre, 2014

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRE OS AUTORES:**Maria Sandra Montenegro**

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP). Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora e pesquisadora permanente do Mestrado em Direitos Humanos da UFPE. E-mail: sandra.montenegro@yahoo.com.br

 <http://orcid.org/0000-0002-4950-0837>

Márcia Regina Barbosa

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (UP). Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: marciape46@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-7767-0286>

Joaquim Luis Medeiros Alcoforado

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra (UC). Professor e pesquisador do Mestrado e Doutorado em Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. E-mail: lalcoforado@fpce.uc.pt

 <http://orcid.org/0000-0003-4425-7011>

Recebido em: 22 de fevereiro de 2019
Aprovado em: 04 de junho de 2019
Publicado em: 01 de outubro de 2019